

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

A URBANIZAÇÃO DO MAGHREB COMO FORMA DE SEDENTARIZAÇÃO: A COLONIZAÇÃO ROMANA NA ÁFRICA DO NORTE (1) (*).

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O povos da África do Norte apresentavam uma certa unidade étnica até que no fim do II milênio a.C. chegaram às suas praças os semitas — fenícios — que instalaram um certo número de feitorias, visando a importação de matérias primas de que tinham necessidade para alimentar sua incipiente indústria e ao mesmo tempo obter pontos fortes na rota do espinho. Os indígenas também eram, potencialmente, consumidores dos seus produtos.

O estabelecimento dos fenícios, e depois dos cartagineses, deu origem a uma miscigenação na região costeira, porque os textos antigos fazem referência à existência de cidades líbio-fenícias e a pessoas líbio-fenícias (como o caso de Mutines). Os romanos também faziam distinção entre os *afri* e os *poeni* (2), os primeiros seriam os *libyes* (líbios) dos gregos e os outros os cartagineses.

Esses semitas com sua pacotilha exportavam perfumes, unguentos, drogas, vinho, bebidas fermentadas, estofos, contas de vidro, cerâmica e até armas. Não destruíram as civilizações indígenas, muito

(*) — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 3 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) — Este é um assunto que nos é muito grato, tendo sido mesmo objeto de um capítulo de nossa tese de cátedra: *Maroccos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. São Paulo. Editora Martins. 1946.

(2) — Tito-Lívio, XXIII, 29, 4 e 10; XXVIII, 14, 19.

pelo contrário, procuravam preservá-las e estimulá-las visando futuros clientes.

Em troca dessas mercadorias o que cobiçavam na África? Do mesmo modo que ignoramos a data exata do estabelecimento de relações comerciais e das primeiras rotas, desconhecemos também quais as mercadorias por eles importados. Presume-se, entretanto, que importavam gado, peles, lãs, marfim, plumas de avestruz, ferro, minérios em geral e, principalmente escravos (homens e mulheres) (3). Importavam também o ambar e o cedro da Numídia, como afirma expressamente Plínio-o-Antigo (4).

Os fenícios fundaram colônias que podem ser consideradas como o marco inicial da História da África do Norte. Sobre esse assunto temos a informação de Diodoro da Sicília (5):

“Os fenícios, que desde uma época longínqua navegavam sem cessar para comerciar, tinham fundado muitas colônias nas costas da Líbia...”

Estrabão (6) assim fala dos marinheiros fenícios:

“...que foram além das Colunas de Hércules e fundaram cidades nessas paragens, como também no centro da costa líbia, após a Guerra de Tróia”.

As principais feitorias foram Útica, Cartago, Tingis, que se transformaram em cidades importantes. Dessas, Útica foi a primeira a ser fundada — contemporânea de Gades na Bética (1.100 a. C.) — mas foi Cartago a que mais prosperou (7) e se tornou a herdeira de Tiro quando esta foi tomada pelos persas. De colônia passou a metrópole no Ocidente.

Durante muito tempo foi uma cidade aberta, chegando mesmo a pagar tributos aos líbios. Após a ereção de suas muralhas sentiu-se forte para recusar o pagamento de tributos. Em seguida, desenvolveu uma atividade intensa até transformar-se num Império marí-

(3). — Gsell (Stéphane), *Histoire Ancienne de l'Afrique du Nord*. Librairie Hachette. Paris. 1920. 8 vols., I, 368.

(4). — Plínio-o-Antigo, *História Natural*, XXXVIII, 11 e XVI, 216.

(5). — Diodoro da Sicília, V, 20.

(6). — Estrabão, I, 3, 2.

(7). — Gsell, *op. cit.*, I, 374 e 379.

timo e somente mais tarde, depois de três séculos da sua fundação (814-813 a. C.), conseguiu organizar também um Império terrestre (8).

Durante quase oito séculos, isto é, até 146 a. C. — data da sua conquista e destruição por Roma — Cartago desenvolveu tal influência, principalmente pelo seu comércio, que a língua púnica estendeu-se desde Cartago à Gades, e mesmo além de Tingis. A sua língua sobreviveu à sua existência, pois ainda era falada na época de Santo Agostinho em Hipona (9).

*

A CONQUISTA ROMANA.

Roma, na sua política expansionista, chocou-se com Cartago na Sicília, na Espanha, acabando por levar seu poderio até a África.

Esse choque, conhecido como as Guerras Púnicas, não será por nós abordado, pois foge ao tema proposto para este Simpósio. Queremos é focalizar a dominação na África e a sua obra civilizadora.

Massinissa, rei dos númidas massilos, foi a alavanca usada por Roma na 2.^a Guerra Púnica. Com a vitória, inaugurou ela a sua política dos *reges inservientes* (reis escravos). O rei bérbere instalado em Cirte (hoje Constantine) começou uma política de fixação da população nômade em aglomerações urbanas. O fim por ele visado era que dessa maneira ele poderia perceber impostos, tarefa difícil enquanto as tribos fossem nômades. Assim, poderia ele manter um exército permanente e ter uma base econômica para apossar-se da cidade de Cartago que era o seu maior desejo (10).

O período que vai da morte de Massinissa (148 a. C.) até a anexação da Mauritânia ao Império romano foi uma época em que Roma contentou-se com uma política de protetorados.

Micipsa, filho de Massinissa, atemorizado com a queda de Cartago, dois anos após a morte de seu pai, nada fez contra Roma e foi um fiel aliado durante o seu reinado (148-110 a. C.). Os romanos aparelharam um certo número de portos, de Hipona a Sfax, e estabeleceram guarnições ao sul do rio Medjerda. O resto ficou para

(8). — *Ibidem*.

(9). — Bernard (Augustin), *Afrique septentrionale et occidentale. Ière partie: généralités, Afrique du Nord*. Paris. Colin. 1937. Coleção "Géographie Universelle", I, 175.

(10). — Chavrebière (Coiassac de). — *Histoire du Maroc*. Paris, Payot. 1931, pág. 36.; Bernard, *op. cit.*, I, 75.

Mic'psa, cujo reino atingia o Mulucha, como o atesta Salústio (11). Do outro lado do rio os bérberes se aglutinaram em torno do Boco, na Mauritània Tingitana.

Jugurta, desembaraçando-se dos primos, retomou o velho sonho de Massinissa, mas foi vencido pelos romanos com o auxílio do seu próprio sogro, o rei Boco. Foi capturado, levado a Roma e executado. Como pagamento da sua felação Boco recebeu permissão para anexar ao seu reino a Numídia (105 a.C.).

Entre o fim da Guerra de Jugurta e a expedição de Cesar à África, isto é, durante meio século, muito pouca coisa sabemos do que realmente aconteceu. Julgamos que a situação manteve-se mais ou menos estática. As facções em luta pela posse do poder em Roma, muitas vezes utilizaram-se dos reis africanos como peões no seu tabuleiro de xadrez político. Tanto é assim, que Sertório (\pm 123-72 a.C.), como Cesar e Pompeu que envolveram-se em lutas pessoais ou por pessoas interpostas, em território africano. Assim é que Juba I (12) rei da Numídia (60-46 a.C.) partidário de Pompeu, lutou contra Bogude I e Boco II, rei da Mauritània, sequazes de Cesar. A batalha de Tapso (46- a.C.) foi-lhe fatal, mas resolveu o problema de Cesar.

A situação mudou com Juba II (25 a.C.-23 A.D.) que recebeu as duas Mauritànias, perdendo a Numídia que foi incorporada ao Estado romano como província.

Juba II, filho de Juba I, foi criado por Otàvia, a mulher abandonada por Marco Antônio e foi devido a ela que se casou com Cleópatra Selene (filha do triúmviro e da célebre Cleópatra, rainha do Egito).

Juba II foi grato a Augusto e em sua honra chamou a sua capital Iol de *Caesarea* (atualmente Cherchel), a qual deu mais tarde o seu nome à Mauritània Cesariana. Essa cidade, com os melhoramentos introduzidos por ele, foi um verdadeiro coroamento da sua obra civilizadora na Mauritània. Os escritores perceberam perfeitamente esse fato e fizeram grandes elogios à cidade (13).

Não sabemos se Juba foi influenciado na sua escolha pelas mariscos da região que Plínio apreciava muitíssimo (14) ou pelo seu ex-

(11). — Salústio, *Jugurta*, CX, 8; XIX, 7; XCII, 5.

(12). — Vide nosso trabalho sobre o *Marrocos* ... Pág. 217.

(13). — Estrabão, 831, 12; *oppidum celeberrimum*, segundo Plínio o-Antigo, *História Natural*, V, 20; *urbis illustris*, segundo Pompônio Mela, I, 30.

(14). — Plínio o-Antigo, *História Natural*, XXX, 45.

celente porto. Esta última hipótese nos parece mais plausível. O certo é que a cidade cresceu rapidamente e se tornou um dos centros comerciais prósperos e ricos da Mauritània. Ai viveram artistas e artesãos necessários para o sustento e brilho da corte. Ourives, gravadores, escultores e pintores ornamentaram com suas obras o palácio edificado por Juba. Nessa cidade encontramos algumas das mais belas estátuas da África do Norte como, por exemplo o Apolo de Cherchel ou as cabeças de Baco e do próprio Juba, sem falarmos dos belos mosaicos representando o Julgamento de Paris e cenas de caças. Existia na cidade um famoso fabricante de lâmpadas, de um modelo particular, sendo que algumas delas foram encontradas na Bética e até na Sardenha (15).

Sem dúvida, é a presença de Cleópatra Selene que justifica a influência egípcia na Mauritània dessa época. É verdade também que essa influência se faz sentir sobretudo na corte. Parece que não teve muita importância fora do palácio.

No reinado de Tibério houve um grande motim provocado pelos nômades — conhecido como a rebelião de Tacfarinas, que durou de 17 a 24, ocasião em que foi saqueada a zona habitada pelos sedentários (16). Isso vem demonstrar que Juba só se mantinha firme no litoral, na zona urbanizada e assim mesmo com o auxílio dos romanos.

O sucessor de Juba II foi seu filho Ptolomeu que deixou o governo nas mãos de seus libertos. Esse fato deu mais forças aos partidários de Tacfarinas. Somente com o auxílio do proconsul Cornélio Dolabela, é que se conseguiu derrotar e matar o rebelde Tacfarinas.

Ptolomeu não foi muito feliz, pois foi desgraçado e morto pelo primo Calgula, sob o pretexto de que o seu manto de púrpura gétula era mais bonito do que aquele que usava o imperador (17).

Nova revolta eclodiu sob o comando de Edemão, com o pretexto da morte do rei. Novamente temos a luta dos nômades contra os sedentários urbanizados.

As revoltas sucessivas fizeram com que Roma acabasse por anexar todo o território do Norte da África. Aliás isso se deu no reinado de Claudio (41-54). Surgem então as províncias da Mauritània Tingitana (Marrocos), e Mauritània Cesariana (Argélia) que foram fazer

(15). — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, VIII, 22. 642, XX, 1 h, 2 b e VIII, S, III. Apud Charlesworth, *Les routes et le trafic commercial dans l'Empire Romain*. Éditions de Cluny. 1938, pp. 148 e 170.

(16). — Tácito, *Anais*, livro II, 52.

(17). — *Ibidem*, livro IV, 23; Suetônio, *Calígula*, 26 e 35.

companhia à província da África (atualmente a Tunísia), o antigo território de Cartago.

Organização da África por Roma.

Na época de Tibério, Roma procurou estender seu domínio para o Sul, como mostram as descobertas arqueológicas e as fotografias aéreas. Houve atividades humanas onde hoje impera o deserto: o Saara está secando, essa é a nossa conclusão.

A III Legião Augusta e seus corpos auxiliares mantiveram a ordem, tendo seu Q.G. inicialmente em Tebessa. A legião construiu estradas, muralhas, aquedutos, pontes, etc., cujos restos ainda podem ser visitados pelos arqueólogos. A *Pax Romana*, imposta aos indígenas, permitiu a exploração da conquista.

Trajano pode passar sua vida lutando contra partas e dácios. A África permaneceu muda. Mas já com Antonino-o-Pio (138-168) foi necessário chamar reforços da Síria, Espanha e da Panônia para manter a ordem. Foi por essa ocasião que diversos oasis receberam guarnições militares.

Com os Severos a África entrou numa fase de grande prosperidade, pois Septímio Severo era natural da Tripolitânia e casado com uma síria. Como provinciais protegeram as províncias, relegando a segundo plano a própria Itália. Com o assassinio de Alexandre Severo, houve uma grande sedição na África, com os bérberes massacrando os coletores de impostos. Chegou-se até a proclamar uma dinastia local — a dos Gordianos —. Essa desordem foi o início de um período de lutas na África que vai durar até a chegada dos vândalos. O período áureo da África — de 40 a 244 — vai terminar.

O *limes*, fronteira do domínio de Roma, estava fixado e delimitado por fortins e *vias*, desde o grande golfo de Sirte, cujas areias separavam a província África da Cirenaica. Esses *limes* era uma longa fita de mais ou menos 150 quilômetros de largura, com pontos fortes, muralhas às vezes, fossos e que deslocou-se segundo o progresso ou o retrocesso da romanização. A África romana estava reduzida a Leste a uma estreita fita de portos tripolitanos e apresentava um aspecto massiço na província África, aparecendo após uma solução de continuidade, além das Colunas de Hércules. Com o progresso da colonização essa linha deslocou-se um pouco mais para o Sul.

No tempo dos Gordianos o *limes* estava de acordo com o limite natural entre a região montanhosa ao Norte e as imensas planícies do Sul. O clima detinha a colonização onde se iniciava a estepe.

A III Legião Augusta, criada por Cesar, mantinha a ordem e com Augusto tornou-se um corpo de tropa permanente. Foi ela também uma fonte de romanização, pois acabou por recrutar-se entre os habitantes da África. E os filhos ilegítimos dos legionários — pois o casamento foi lhes proibido até a época dos Severos —, os *ex-castris*, foram muito bem aceitos. Ao terminar o seu tempo de serviço recebiam também a cidadania romana. Os veteranos não deixavam geralmente a África. Instalavam-se em aldeias perto dos corpos de tropa, transformando-as pouco a pouco em centros de romanização. O fenômeno se produziu igualmente pelas quatro províncias do Norte da África: África proconsular (antigo território de Cartago), Númídia e Mauriânia Cesariana (Argélia) e Mauriânia Tingitana (Marrocos).

As colônias romanas (18).

As colônias também tinham sua hierarquia. As *colônias romanas*, criadas ou promovidas a esse título, eram consideradas como fazendo parte de Roma, se bem que estivesse longe da URBS. Possuíam um conselho municipal (*ordo decurionum*), em lugar do Senado romano e os cônsules eram substituídos por dois duúviro (*duumviri* ou *duoviri*) eleitos por um ano, com direito à cátedra curul, ao uso da *toga pretexta*, além de serem acompanhados por dois *licttores* com o *fascio*, porém sem o machado. A direção da colônia contava ainda com dois questores.

As *colônias latinas* eram intermediárias entre as romanas e as peregrinas (de estrangeiros). Os *duumviri* tinham a cidadania completa e o título tornou-se hereditário, de tal maneira que o número de cidadão de direito latino ia sendo diminuído. Esse fato teve como última consequência o lento desaparecimento das colônias desse nome.

As comunas *peregrinas* ou *estipendiárias* (porque pagavam tributo) eram povoadas por peregrinos, na sua grande maioria bérberes. Foi aí precisamente que se deu a maior sedentarização dos elementos nômades. Roma dava aos seus chefes o manto de púrpura e o bastão de marfim (símbolos de comando), outorgando-lhes também o título de *praefecti* ou de *principes*. Alguns deles obtiveram também o título de rei (*reguli*).

Os proprietários da terra tinham direitos nessas aglomerações urbanas. Os obreiros eram considerados estrangeiros (*incolae*). Os

(18). — A esse propósito consulte-se a comunicação que apresentamos ao IV Simpósio Nacional da Associação dos Professores Universitários de História, realizado em Porto Alegre.

camponeses estavam em pior situação (*incolae intramuri*). As promoções de uma categoria para a outra eram verdadeiros estimulantes. Roma apoiava-se nessa aristocracia municipal para desenvolver a sua colonização.

A Berbéria era no fundo uma grande colônia de exploração agrícola e não de povoamento. Os altos funcionários vinham de fora, os soldados e os veteranos completavam a rede de dominação. Por isso a África foi chamada, com justiça, de *celeiro de Roma*. Trigo e azeite eram produzidos em grande quantidade para exportação em direção à Península itálica. Rebanhos numerosos também eram mantidos com o mesmo fito.

Grandes trabalhos hidráulicos foram realizados, melhorando consideravelmente a rede de aquedutos que vinha da época púnica. Poços, cisternas, barragens. Para dar um exemplo desse trabalho citamos o caso do aqueduto de Cartago que trazia, por declive natural água de 136 quilômetros de distância, pois o romano não conhecia o sifão. Com aquedutos desse tipo os romanos puderam empreender grandes obras de irrigação.

Estradas e pontes foram construídas em grande número, principalmente executadas em tempo de paz pela III Legião Augusta.

A *Pax Romana*, com o seu desenvolvimento econômico gerou um grande aumento da população.

O imperador possuía na África grandes propriedades oriundas muitas delas do confisco de terras aos senadores. Esses domínios eram os famosos *saltus*. Alguns senadores conseguiram conservar os seus lotes (*saltus privati*). Os colonos estavam agrupados em aldeias (*vici*), elegiam os seus dirigentes (*magistri*) que organizavam as feiras (*nundinae*) onde se abasteciam para cobrir as suas necessidades. Os imperadores eram representados pelos *procuratores augusti*.

Os ricos africanos habitavam de preferência as suas *villae* rurais, das quais possuíamos maravilhosos mosaicos mostrando cenas da vida campestre. A aristocracia romanizada e a indígena habitavam as cidades, onde procuravam imitar Roma. A maioria dessas cidades não ultrapassava a cifra de 5 a 6 mil habitantes.

Citamos na Tripolitânia, na época dos Severos três importantes cidades: Odea (Tripoli), Sabrata (Sabratha Vulpia), Leptis Magna (Lebda).

Na Proconsular destacamos: Thapsus, Leptis Minor (Lemta), Rus-pina (Monastir), Taparura (Sfax), Hadrumetum (Sousse), Cartago, Utica, Hippo Diarrhytos (B.zerta), Hippo Regis, Thelepte (Medinat-

el-Kedima), Sufetula (Sbeitla), Ammaedara (Haïdra), Sicca Veneria (Le Ref), Althiburos (Henchir Medeina), Mactaris (Maktar), Thurburbo Maius (Henchir Kasbat), Thugga (Dougga), Thubursicu Bure (Tebour souk), Bulla Regia (Hamman Derradji), Simithu (Chemtou), Calama (Guelma), Thubursicu Num'dorum (Khamissa), Thagura (Tsoura), Thagaste (Shouk Aharas), Madauros (Mdaourouch), Theveste (Tebessa).

Na Numídia citamos: Cirta (Constantine), Rusicade (Philippeville), Chullu (Collo), Mascula (Khenchela), Laembaesis (Lambese), Thamugad. (Timgad), Cucul (Djemila).

Na Mauritânia Cesariana: Igilgili (Djedjelli), Saldae (Bugia), Imnuium (Tigzirt), Rusuccurru (Dellys), Rusguniae (Matifou), Icosium (Argel), Tipasa, Gunugu, (Roubva de Sidi Ibrahim), Cartennas (Ténés), Portus Magnus (Saint-Leu), Cid Frates (Nemours), Cesaréia (Cherchell), S'tifis (Setif), Horrae (Ain Roua), Thamalulla (Tocqueville), Sertei (Kerbet Gu'dra), Auzia (Auma'le), Rapidum (Sour Djouab), Thanaramus, Sufasr (Dollfusville), Malliana (Affreville), Oppidum Novum, Zucchabar (Miliana), Abulas (Ain Temouchet), Dracones (Hamman bou Hadjar), Regias (Arbal), Tasacura (Saint-Denis du Sig). Castra Nova, Ballem Praesidium (L'hilli), Gadaum, Pomaria (Tlemcen) Cohors Breucorum (Tagremaret).

Na Mautitânia Tingitana: Tingi (Tanger), Lixus (Tchemmich), Sala (Chelle) Volubilis, etc.

* * *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *José Oscar Beozzo* (FAFI "Auxilium" de Lins. SP).

Pergunta:

O donatismo não foi também um movimento *nacionalista* (ligado às antigas populações do Maghreb pouco "romanizadas") na medida em que os bispos "ortodoxos" recebiam apoio de Bizâncio (político e econômico)? Os bispos não passaram a controlar a distribuição de trigo nas cidades?

*

Do Prof. *Niko Zuzek* (FFLCH/USP).

Solicita a seguinte informação:

Depois das Guerras Púnicas os acampamentos militares romanos influenciaram a urbanística na África do Norte, como aconteceu na

Europa Ocidental, onde muitas cidades e burgos medievais surgiram dos acampamentos do exército romano. Os *ex-castris* não conferiram um cunho militar às cidade da África do Norte?

*

Do Prof. *Nachman Falbel* (FFLCH/USP).

Indaga:

Como essa política de *sedentarização no deserto* com um elemento humano não habituado ao trabalho agrícola conseguiu se desenvolver e quais foram as causas de sua decadência. (Talvez o fundamento econômico de tal colonização fosse o comércio e no momento que este decaí, as cidades perdem seu fundamento)?

* *

*

RESPOSTAS DO PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA.

Ao Prof. *José Oscar Beozzo*.

Diz concordar inteiramente com o arguente, pois se o donatismo foi no início um movimento religioso, acabou também por envolver-se em problemas políticos, na reação do indígena nômade contra a sedentarização dos romanizados.

Bizâncio normalmente, como outrora os romanos, dava seu apôio aos sedentários, em quem podia confiar. Nas cidades os bispos tinham grande ascendência e por isso se envolveram no problema do trigo. Aliás, eles tudo faziam para que as frotas carregadas com o precioso cereal chegassem a bom termo em Constantinopla.

*

Ao Prof. *Niko Zuzek*.

Afirma concordar com o interpelante, pois na África do Norte a III Legião Augusta desenvolveu um grande trabalho de urbanização, construindo obras civis e militares. Evidentemente a arte militar acabou influenciando essas construções. Em torno dos acampamentos foram se formando aglomerações urbanas, fato aliás comum em toda a colonização romana.

Os *ex-castris* tiveram uma grande participação, pois eram filhos de militares e soldados se tornaram. Inegavelmente acabaram por influenciar as construções da zona urbanizada da África do Norte.

*

Ao Prof. *Nachman Falbel*.

O aproveitamento da mão-de-obra indígena foi tentada primeiramente pelos púnicos e depois pelos próprios príncipes indígenas, Massinissa por exemplo. A sedentarização tinha seus encantos e seus confortos. Enquanto houve comércio essas cidades tiveram uma vida intensa, como Cartago por exemplo. Os nômades é que ficaram com a pior parte, apesar de serem militarmente mais fortes.